

## “A Educação Física cuida do corpo... E ‘mente’”: entre discursos e dispositivos

## “A Educação Física cuida do corpo... E ‘mente’”: between speeches and devices

PIMENTEL GGA, LORO AP. “A educação física cuida do corpo... E ‘mente’”:  
entre discursos e dispositivos. *R. bras. Ci. e Mov* 2017;25(3):125-133.

Giuliano G. A. Pimentel<sup>1</sup>  
Alexandre P. Loro<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de  
Maringá

<sup>2</sup>Universidade Federal da  
Fronteira Sul

**RESUMO:** A obra “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da educação física”, escrita por João Paulo Subirá Medina, repercutiu entre os profissionais da Educação Física no Brasil na década de 1980 ao enfatizar as crises na área. Buscamos identificar autor e obra a partir do contexto de sua produção, das coerências e das discontinuidades com os debates contemporâneos de sua época. Para tanto, discutimos alguns preceitos: o motivo pelo qual tal livro não foi suplantado; os desdobramentos do debate, a partir dos novos capítulos acrescentados na recente reedição; as diferentes apropriações da obra; o contexto de produção do livro como macrounidade das diferentes correntes da Educação Física; o diálogo com o livro “O brasileiro e seu corpo”; os desdobramentos do ensaio de 1983 nas realizações do autor; a utilização da obra no meio universitário e no meio profissional; e o misticismo que permeia a obra, isto é, sua capacidade de, ao mesmo tempo, inquietar e alimentar a esperança. A obra ainda é válida para o momento, uma vez que é possível relacioná-la com o projeto que se seguiu (Universidade do Futebol) o qual, em linhas gerais, é coerente e interdependente no jogo discursivo e nas teias engendradas das relações de poder. A produção de Medina pode nos levar à conclusão de que o não-dito é mais relevante que o explícito, sendo que as práticas discursivas e as práticas não-discursivas contribuem para a construção de dispositivos.

**Palavras-chave:** Educação Física; Discursos; Dispositivos; Medina.

**ABSTRACT:** The work “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da educação física”, written by João Paulo Subirá Medina, repercuting among the professionals of Physical Education in Brazil in the 1980s by emphasizing the crises in the area. We try to identify the author and the work from the context of its production, from the coherency and from discontinuities with the contemporary debates of its time. To do so, we discuss some precepts: the reason why the book was not supplanted; the unfolding of the debate, from the new chapters added in the recent reissue; the different appropriations of the work; the context of production of the book as the macro-unit of the different currents of Physical Education; the dialogue with the book “O brasileiro e o seu corpo”; the unfolding of the essay of the year 1983 in the author's achievements; the use of the work in the university environment and in the professional environment; and the mysticism that permeates a work, this is, its ability to, at the same time, disturb and feed the hope. The work still is valid for this moment, since it is possible to connect it to the project that follows (Universidade do Futebol) which, in general, is coherent and interdependent in the discursive game and in the engendered webs of power relations. The Medina production can lead us to the conclusion that the unspoken is more relevant than the explicit, and discursive practices and non-discursive practices contribute to the construction of devices.

**Key Words:** Physical Education; Speeches; Devices; Medina.

## Introdução

A obra “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da educação física”<sup>1</sup>, escrita por João Paulo Subirá Medina, repercutiu entre os profissionais da Educação Física no Brasil na década de 1980 ao enfatizar as crises na área. A problemática que ora nos moveu à releitura do livro citado foi buscar os elementos que permitiram sua longevidade. Não se trata de indicar o que decaiu nos apontamentos de Medina, mas captar as condições à época que geraram o impulso para sua aceitação como uma espécie de manifesto da área e a rigidez dos conceitos apresentados, os quais ainda podem causar espanto em alguns leitores.

Em comparação com a publicação inicial, o subtítulo é uma das mudanças que se destaca na vigésima quinta edição<sup>2</sup>: “novas contradições e desafios do século XXI”. Ao ser reeditada, foram convidados para analisar a obra três professores com diferentes posições ideológicas: Valter Bracht (Universidade Federal do Espírito Santo), Rogério dos Anjos Araújo (UniPiaget) e Edson Marcelo Hungaro (Universidade de Brasília). O tripé de posicionamentos fomentou um debate que parece ainda não estar resolvido: ramificações da crise anunciada por Medina e suas possibilidades interpretativas, ou seja, quase três décadas se passaram e ao invés de contemplarmos a resolução da crise anunciada, vemos seus diversos desdobramentos.

Logo, justamente por ainda trazer aspectos não superados de nossa história, realizamos uma releitura da obra de Medina em aproximação à perspectiva arqueológica do teórico francês Michel Foucault, a qual transcende a análise do conteúdo. Isso significa que, metodologicamente, ao procedermos à hermenêutica do texto, não tomamos o autor como embrião isolado de suas ideias, mas como um fruto assimilado da explosão do discurso crítico na Educação Física.

Assim como qualquer trabalho científico, a produção de Medina não ocorre de maneira isolada, uma vez que podemos identificar produções de teor semelhante contemporâneas ao período de publicação do livro. Dentre elas podemos citar aquelas elaboradas por Oliveira<sup>3</sup>, Cavalcanti<sup>4</sup>, Bracht<sup>5</sup>, Castellani Filho<sup>6</sup>, dentre outras. Certamente, sem deixar de destacar as reflexões alavancadas por intelectuais que culminaram na elaboração da obra que ficou conhecida como Coletivo de Autores<sup>7</sup> – uma proposição metodológica de ensino crítico para a Educação Física Escolar. Essas produções questionaram a Educação Física recorrente e marcam um acontecimento inovador que se traduz na necessidade da perspectiva crítica em um contexto de transição democrática. Por isso, embora não tenhamos concretizado um percurso arqueológico, a ideia de uma arqueologia sobre o livro de Medina, epistemologicamente, se demonstrou como norteador. Assim, utilizamos a noção de arqueologia discutida por Michel Foucault<sup>8</sup>, no sentido mais amplo, como um conjunto de procedimentos críticos em relação à história, num esforço de repensar o sujeito, não como fonte autônoma e transparente de saber, mas como uma construção em redes de práticas sociais que sempre incorporam relações de poder.

Portanto, buscamos identificar autor e obra a partir do contexto de sua produção, das coerências e das discontinuidades com os debates contemporâneos de sua época. Para tanto, discutiremos no decorrer desse texto alguns preceitos: o motivo pelo qual tal livro não foi suplantado; os desdobramentos do atual debate, a partir dos novos capítulos acrescentados na recente reedição; as apropriações da obra, seja nas áreas comuns, seja em outras áreas; o contexto de produção do livro como macrounidade das diferentes correntes da Educação Física – ou o livro como reflexo dessa macrounidade; o diálogo com o livro “O brasileiro e seu corpo”<sup>9</sup>; Medina 1983 *versus* Medina atual: os desdobramentos do ensaio de 83 nas realizações atuais do autor; a utilização da obra no meio universitário e no meio profissional; e o misticismo que permeia o livro, isto é, sua capacidade de, ao mesmo tempo, inquietar e alimentar a esperança.

### Discursos Pertinentes

Segundo Darido<sup>10</sup>, na década de 1980 alguns autores produziram teorias significativas e trouxeram um olhar renovador sobre a ação da Educação Física ao enfatizar em seus estudos abordagens científicas ou pedagógicas. Nesse ínterim, Medina apresentou questionamentos filosóficos e sociológicos. Entretanto, algumas reflexões permaneceram em aberto no campo da Educação Física; a prova mais evidente disso é a presença do advérbio “ainda” no título da última edição de seu livro: “A Educação Física no século XXI: ainda em busca de sua(s) identidade(s)”<sup>12</sup>. Esta é uma das particularidades que evidencia a obra como atual, pois entendemos que ainda não superamos muitos dos problemas (ou mentiras) apontados inicialmente pelo autor, a exemplo da busca de identidade (que, na realidade, são múltiplas), dos aspectos relacionados à formação docente, das condições de trabalho e do desenvolvimento profissional.

Medina, ao enunciar e denunciar que a Educação Física “mente”, lançou as bases para a renovação e transformação da mesma, auxiliando na reflexão sobre a formação docente e intervenção pedagógica. Ao lê-lo, percebemos que o movimento dialético entre teoria e prática proporcionou o surgimento de novos elementos – muitos deles ainda não inseridos no cerne da discussão. Um exemplo disso são as Instituições de Ensino Superior que perpetuam um sistema que quantifica/massifica a formação, repetindo os mesmos quadros que Medina criticou. Há um distanciamento entre as publicações acadêmicas e a quantidade de egressos e/ou formandos da área de Educação Física no país, que raramente têm sua formação mudada por essa produção científica. Podemos aqui também mencionar os Cadernos de Formação da RBCE ou o livro didático da disciplina de Educação Física lançado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná que, embora bem intencionados – e polêmicos –, aparentemente não geraram movimentos esperados pelos seus idealizadores.

Um dos motivos pelos quais o livro de Medina não tenha perdido relevância, provavelmente, é decorrente da denúncia do precário contexto da Educação Física escolar. Embora a área tenha avançado nas últimas décadas, ainda não atingiu um patamar satisfatório de qualidade. Muitos dos problemas apontados por Medina não foram superados, mesmo com a expansão do quantitativo de cursos e com a cientificização da área.

No ano de publicação do livro em questão (1983), existiam poucos cursos de Educação Física no país, cenário diferente do atual. Segundo o Censo da Educação Superior 2011 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP)<sup>11</sup>, em 1991 existiam 117 cursos de Educação Física no Brasil; em 2004 o número de cursos subiu para 469; em 2012 eram 1108 cursos – um aumento superior a 900%. Segundo o Censo da Educação Superior 2015, a licenciatura em Educação Física é a segunda maior do país, concentrando 10,2% das matrículas na graduação (ficando atrás apenas das matrículas em Pedagogia).

Contraditoriamente, os cursos de licenciatura geralmente são os menos procurados nos processos seletivos de vestibulares, além de apresentar alto índice de evasão. Entre os principais motivos de desistência estão: a indisciplina dos alunos de ensino fundamental e médio, as péssimas condições de trabalho e os baixos salários, segundo INEP<sup>11</sup>. Nesse contexto, os acadêmicos se veem desmotivados a seguir carreira de professor porque a trajetória docente é pouco atraente. Ao contrastar o *déficit* de profissionais em relação com o que almejamos ser uma formação adequada, parecemos impraticável a intervenção profissional “revolucionária” – apontada por Medina.

Outro dado que deve ser considerado é que em 1983 as produções científicas eram escassas. Diferente de hoje, que temos uma literatura especializada farta, resultado da expansão dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física no país. Segundo dados obtidos na Plataforma Sucupira, Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES)<sup>12</sup>, são 02 Mestrados Profissionais, 35 Mestrados Acadêmicos e 22 Doutorados, além de inúmeros grupos de pesquisa cadastrados. Em 30 anos o campo da Educação Física cresceu, no entanto, aparentemente, avançamos pouco em reflexões filosóficas e entendimento do corpo humano. Essa prerrogativa pode ser balizada pelos resultados da dissertação de mestrado de Silva<sup>13</sup>, em que os resultados da pesquisa constataram que as representações de

corpo das mestrandas pesquisadas (professoras de Educação Física) continuam apoiadas nas relações cotidianas e nos discursos em que estão imbricados na/pela sociedade, na qual o corpo perfeito (magro, moldado, sarado, em suma, o corpo veiculado nas grandes mídias) é o padrão social de beleza. Este estudo demonstra que o avanço científico na Educação Física não se refletiu substancialmente na base, uma vez que a visão de corpo é ainda instrumental.

Talvez, por esses motivos, Medina tenha mencionado na vigésima quinta edição que sente um misto de orgulho e decepção em relação ao seu livro. Orgulho pela aceitação social da obra; decepção ao ver que muitas das observações, críticas e denúncias, feitas na época, ainda são latentes (falta de qualidade do ensino, reducionismo biológico de influência cartesiana e positivista, despolitização das práticas físicas e esportivas).

A realidade denunciada pela obra ainda não foi superada na Educação Física – como a recente publicação aponta. Por não termos conseguido superar alguns percalços anteriormente apontados, agora eles são apresentados com uma roupagem diferenciada, mais refinados. Por exemplo, algumas décadas atrás os professores de Educação Física detinham um discurso conservador e práticas esvaziadas de significado, contudo suas práticas eram competentes ao que se propunham na perspectiva do tecnicismo. Na atualidade os professores são dotados de maior discurso crítico, mas a formação ainda é precária e questionável, resultando em práticas pouco eficientes, geradas não apenas por desconhecimento ou limitações formativas, mas por diferentes fatores (desmotivação, desvalorização profissional, indisciplina discente, entre outros).

### **Os acréscimos na vigésima quinta edição**

Na recente edição do livro de Medina<sup>2</sup>, os autores Bracth, Anjos e Hungaro analisam a obra com habilidade retórica, a partir das suas correntes teóricas. Bracth problematiza o desafio da pluralidade e as contradições da área ao utilizar-se da metáfora – “entre a solidez e a liquidez”; Anjos introduz as discussões em torno da chamada Ciência da Motricidade Humana; enquanto Hungaro faz uma análise da educação física de uma perspectiva marxista.

Após uma leitura inicial dos ensaios, torna-se quase impossível para o leitor não se questionar sobre qual vertente representa “a verdadeira resposta” à Educação Física (autêntica e revolucionária) na utopia de Medina. Percebemos que cada um dos autores transita em diferentes territórios interpretativos. Os três ensaios trazem à tona inúmeras reflexões e diferenciadas possibilidades de leituras, uma das principais características do livro – tal qual um caleidoscópio, em que a cada movimento, novas imagens são formadas, capazes de surpreender os seus telespectadores. É como se os três autores buscassem a ideologia de Medina e tentassem instaurar novas tensões em quem leia, dessa forma, quem sabe, seja possível superar a crise apontada pelo autor principal.

Os autores realizaram leituras analíticas ancorados em distintas perspectivas teóricas, entretanto, algo em comum os une. Todos conseguem se enxergar na obra e, com ela, estabelecer um profundo diálogo. A produção do livro “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’”<sup>1,2</sup> proporcionou, de certa forma, um contexto de maior unidade de diferentes correntes da Educação Física brasileira.

As contribuições de Bracth, Anjos e Hungaro, ao abordar visões ideológicas diferentes, trouxeram atualidade para a obra. Essa percepção remete à existência de uma espécie de aura mística, capaz de proporcionar a distintos profissionais adentrar e transitar em territórios diferenciados. Como consequência, permite-nos concluir que os leitores conseguem vislumbrar pelo menos uma das múltiplas camadas interpretativas. Logo, os leitores passam a se identificar, pelo menos, com uma das análises do livro. A obra é dotada de linguagem simples e fundo filosófico, capaz de gerar nos leitores uma imagem que se assemelha ao reflexo de um espelho, em que todos se veem nele, pelos menos provisoriamente. Não se trata apenas de um aspecto hermenêutico, mas da criação de novos discursos, capazes de movimentar verdades e, conseqüentemente, grupos de poder.

As críticas de Medina impulsionaram também a polissemia. Diversas apropriações da obra podem ser feitas,

pois cada interlocutor suscita uma pretensão de validade quando se refere a fatos, normas e vivências interpretadas. Por outro lado, para além da pluralidade interpretativa, houve também quem buscasse transformar a realidade a partir das reflexões do livro. As “verdades” anteriormente consideradas válidas e inabaláveis passaram a ser questionadas.

O livro, na atual versão, expôs um emaranhado discursivo, com concepções diferenciadas. No jogo discursivo, afloram enunciados capazes de instituir verdades. Talvez, futuramente, um desses discursos poderá ser herdeiro do legado crítico discursivo de Medina?

### **A produção de Medina: 1983 e a atual**

Em 1983, o ensaio<sup>1</sup> serviu como ferramenta contra o autoritarismo, individualismo e suposta neutralidade científica da Educação Física brasileira. A motivação central consistia em desenvolver uma obra capaz de fundamentar a cultura do corpo, mais apropriada para tratar da problemática da profissão. Medina, então, propõe analisar criticamente o que vinha sendo feito com a prática, que privilegiava apenas uma parcela minoritária da sociedade. O intuito era fazer a Educação Física evoluir, ultrapassar suas próprias consciências em busca do encontro de um sentido mais humano e, talvez, desse modo, parar de “mentir”.

Naquele contexto, Medina não poderia ser muito explícito em função da censura do período militar, o que explica a linguagem utilizada no ensaio. As colocações sutis permitiram a polissemia interpretativa, funcionando como uma espécie de *Gestalt* para os leitores. Essa linguagem citada é muito diferente da que foi utilizada em outro livro seu, “O brasileiro e seu corpo”<sup>9</sup>, em que abordou com maior liberdade as modificações para um corpo humano entendido como emissor de cultura, bem como, suporte de signos sociais. Aparentemente, após a abertura ditatorial, Medina sentiu-se mais à vontade para explicitar que o corpo não deve ser uma peça que cumpre a sua função dentro da engrenagem social, em que os aparelhos ideológicos e repressivos do Estado encontram-se a serviço da classe dominante.

Na apresentação da última edição do livro<sup>10</sup>, Medina destaca a necessidade de não seguir pela leitura dogmática. Isso significa abertura para realizar movimentos críticos sobre a obra, como qualquer publicação. Podemos até pensar, rapidamente, que o livro apresenta ecletismo teórico. Nada disso. Vale lembrar o que já foi citado: expressar-se num período de repressão política e social exige muita habilidade discursiva.

Para a surpresa de quem atribui ao livro a adjetivação de marxista, é no trabalho materialista histórico dialético de Silveira<sup>14</sup>, sobre a consciência dos professores de Educação Física, que são apontados os maiores óbices ao livro:

Reconhecemos, portanto, limites na análise de Medina, na medida em que o autor não estabelece as relações históricas necessárias entre (a) formação de consciência e produção de existência; (b) entre luta de classe e projeto histórico; (c) entre estágio de apropriação do conhecimento científico e projeto histórico. Sob estas condições sua avaliação do estágio de desenvolvimento da consciência dos estudantes capta apenas os problemas na formação científica relacionada às capacidades de uso da língua portuguesa, domínio dos conceitos chave da educação física, capacidade de crítica à realidade social imediata em que vive<sup>14</sup>.

Na época em que o livro foi escrito, havia um discurso que tentava fazer a polarização das escolhas ideológicas: ou estava a favor do sistema, ou estava contra. Daolio<sup>15</sup> pontua o período como significativo da proliferação dos trabalhos acadêmicos. A construção do campo científico que, até então, era voltada aos preceitos biológicos e positivistas das ciências do esporte, passa a ter como pauta a reconstrução dos modelos de educação. Com o início do debate pedagógico na Educação Física, os pesquisadores começaram a obter respaldo não apenas nas ciências da natureza, mas também nas ciências humanas e sociais.

A discussão científica da Educação Física brasileira organizou-se a partir de um linguajar mais adequado às premissas da comunidade científica. Mas para ocorrer a produção do conhecimento na Educação Física era preciso a “produção de verdade”. Essa dinâmica foi ilustrada por Feron e Moraes e Silva<sup>16</sup> ao analisarem a discussão acadêmica

da área a partir da década de 1970, que culminou com a criação do Centro de Estudos de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs) e do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Supostamente seguindo a trajetória derridiana, os referidos autores sugerem que a produção do conhecimento da área, por admitir as humanidades, deve continuamente (des)construir as verdades, os saberes e os poderes existentes para, quem sabe, poder constituir uma estratégia subversiva e fértil para o pensamento em Educação Física.

As premissas elaboradas são produto de discursos que, segundo Foucault<sup>17</sup>, representam não somente um instrumento linguístico, mas uma máquina de interdição e proibição, que legitima a fala de alguns em detrimento de outros. A discussão não é apenas voltada à construção do conhecimento, mas a uma disputa de afirmação e competição por uma maior veracidade indubitável de seu próprio discurso. Em outras palavras, a produção de um determinado tipo de saber possibilita obter uma melhor colocação nas dinâmicas das relações de poder<sup>17</sup>.

A história expõe um exemplo clássico ao referenciar a forma como o esporte foi avaliado pelo nascente discurso em ciências humanas da área, que acarretou sérias consequências para a Educação Física brasileira. Percebe-se na análise das “provas” que a “condenação” do Esporte, se deu pela tentativa de uma demarcação de espaço dentro da esfera acadêmica<sup>18</sup>.

A obra de Medina é conhecida pelo seu teor crítico e contestador. Entretanto, no mesmo período em que ela foi produzida, o marxismo, que apresenta as mesmas características, pareceu desfazer-se em definitivo no ar<sup>19</sup>. Tal metáfora, elaborada no final da década de 1980, adquiriu a verossimilhança própria da literalidade na evaporação dos regimes comunistas do leste europeu. Nessa linha de raciocínio compreendemos que o tempo presente exige ampliar as interpretações – requer análises para além da explicação econômica, afinal novos desafios apresentam-se à Educação Física brasileira.

O reflexo global de tal evaporação desencadeou, de certa forma, um “efeito dominó” nas pretensões de hegemonia marxista ao discurso crítico no Brasil, ao ponto de alguns intelectuais renunciarem parte de seus escritos. Contudo, os trabalhos dirigidos por Medina na Universidade do Futebol<sup>1</sup> não são contraditórios se comparados com sua trajetória inicial, ou seja, ainda apresenta o discurso renovador de outrora, porém com maior flexibilização.

Quando visitamos virtualmente a Universidade do Futebol vemos, em parte, ações inovadoras que Medina elaborou às suas próprias críticas. Essa universidade oferece cursos presenciais e à distância, aulas gratuitas, vídeos, colunas, entrevistas e artigos. Os conteúdos especializados apresentados (inclusive o próprio futebol) destinam-se a várias profissões, por meio de uma abordagem interdisciplinar abrangem as dimensões do alto rendimento social, educacional e entretenimento, sejam nas áreas técnica, administrativa, saúde, ciências humanas e sociais.

Ao produzir e compartilhar conteúdos para capacitação e qualificação no futebol, Medina construiu um veículo de transformação para o esporte e para a sociedade. Parece pouco, frente às expectativas de superação da crise que Medina diagnosticou, mas essa é a ação concreta possível dentro das determinações dadas. Idealizamos uma utopia, mas sua concretização não é plenamente concluída apenas por meio da consciência unicamente de uma pessoa, mas sim do coletivo.

O mundo se transformou em ritmo acelerado nas últimas décadas e ainda não sabemos onde isso vai dar. Embora algumas direções sejam apontadas, não temos certezas. Pessoa Junior<sup>20</sup> apresenta algumas pistas que poderão ajudar no diálogo com a Educação Física e, talvez, possamos pensar o novo em nossa área – prestar atenção ao que os especialistas de diferentes correntes estão dizendo sobre as novas configurações do mundo; e perceber que o ritmo de avanço tecnológico está cada vez mais rápido –, o que provavelmente afetará o futuro tecnológico da humanidade.

A obra de Medina<sup>1,2</sup> permitiu satisfazer a vontade de um discurso crítico, acompanhado historicamente do

<sup>1</sup> Instituição que promove o ensino *online* e presencial; produz e compartilha conteúdos para capacitação e qualificação no futebol, trabalhando a sua potencialidade como veículo de transformação para o esporte e a sociedade. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 13 out. 2013.

processo de redemocratização e da possibilidade dos professores de Educação Física repensarem a própria prática. Nesse aspecto, o livro aponta para uma crise necessária a fim de renovar e transformar a Educação Física. Todavia a obra de Medina não estava sozinha; fazia parte da resposta a um acontecimento no qual diferentes obras buscavam enunciar o discurso crítico. Pareceu, em determinado momento, que a *verdade* sobre o discurso crítico deveria residir no Marxismo.

Observamos, por outro lado, que a obra de Medina foi a que melhor traduziu essa vontade de saber, talvez por justamente não ser explicitamente filiada a uma corrente. Consequentemente, como a obra foi empoderada ao catalisar o desejo do discurso crítico no momento em que o poder sobre qual é o verdadeiro discurso crítico, se intitular herdeiro do legado não deixa de ser uma questão de poder.

### Considerações Finais

A obra ainda é válida para o momento, uma vez que é possível relacioná-la com o projeto que se seguiu (Universidade do Futebol) o qual, em linhas gerais, é coerente e interdependente no jogo discursivo e nas teias engendradas das relações de poder. A produção de Medina<sup>1,2</sup> pode nos levar à conclusão de que o não-dito é mais relevante que o explícito, sendo que as práticas discursivas e as práticas não-discursivas contribuem para a construção do dispositivo – conceituado como “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”<sup>21</sup>.

O dispositivo emerge, dentre outros fatores, da análise discursiva, necessária em dado momento e em campo específico, como resposta a um objetivo estratégico. O dispositivo representa um processo de determinação funcional em relação aos elementos heterogêneos que este coloca em rede e que o valoriza, mas sem condições de controlar até o fim, como se ele pudesse prever, do alto, o sistema de consequências que induz o sistema de relações que é colocado nesse lugar, interligando-os<sup>22</sup>. Nesse sentido, o livro de Medina funcionou como um dispositivo concreto – um vetor que alavancou mudanças de direção na Educação Física brasileira. Trata-se de uma força diferenciada, que não se resume somente ao conceito em questão, mas ao fato de ser composto por um conjunto de linhas, curvas e regimes de diferentes naturezas, sobretudo, transitórias e efêmeras, predispostas a variações de direção e de intensidade, conforme podemos vislumbrar na edição comemorativa, com os acréscimos dos autores convidados.

Concordamos com Marcello<sup>23</sup>, quando referencia Deleuze<sup>24</sup>, ao afirmar que não são as linhas, as curvas e os regimes que demarcam os limites rígidos de um sistema ou de um objeto; pelo contrário, elas os desestabilizam, os fazem tornarem-se suscetíveis a movimentos de contínua acomodação quanto às tentativas de efetivar “processos singulares de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de subjetivação”. Essas linhas podem, concomitantemente, estar em diversos espaços, tornando-os cambiantes entre si; elas são sempre tensionadas pelas enunciações, pelos objetos, pelos sujeitos e pelas forças em exercício que o próprio dispositivo produz. Trata-se de linhas que se bifurcam, de curvas que tangenciam regimes de saberes móveis, ligados a configurações de poder e designados a produzir modos de subjetivação específicos, mas também, e exatamente por isso, formas singulares de resistência e de fuga. Portanto, ao trabalharmos com o conceito de “dispositivo”, não estaremos lidando com uma estrutura fechada, organizada, cujos elementos em jogo estão previamente dados, mas, antes, com aquilo que é da ordem do imprevisível, da ordem da criação: o acontecimento<sup>23</sup>.

Eis a importância de localizar – e problematizar – as diferentes lógicas que operam na produção de sujeitos e de práticas discursivas específicas, as quais convergem no apontamento da possibilidade de suas descontinuidades. Os ensinamentos de Foucault faz-nos perceber que somos resultados de condições de produção social que autorizam certas

formas discursivas e silenciam outras, numa relação incessante entre saber e poder.

Nesse artigo, citamos a obra do Medina como um caso, uma forma duradoura e bem recebida pela área da Educação Física. Enfim, um “acontecimento”: a emergência do discurso dito “crítico” da Educação Física. Todavia, outra análise deverá ser realizada para descrever e aprofundar como Medina também foi fruto de determinada ordem do discurso. E mesmo que tenhamos mostrado a obra de Medina em movimento, não almejamos desconstruir a polaridade crítico *versus* não-crítico, emergida naquele momento. Fica o convite.

## Referências

1. Medina JPS. A Educação Física cuida do corpo... e “mente”. Campinas (SP): Papyrus, 1983.
2. Medina JPS. A Educação Física cuida do corpo... e “mente”: novas contradições e desafios do século XXI. Hungaro EM, Anjos R, Bracht V, colaborador(es). 25. ed. Campinas (SP): Papyrus; 2010.
3. Oliveira VM. O que é Educação Física. São Paulo (SP): Brasiliense; 1983.
4. Cavalcanti KB. Esporte para todos: um discurso ideológico. São Paulo (SP): Ibrasa; 1984.
5. Bracht V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 1986; 7.2: 62-68.
6. Castellani Filho L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas (SP): Papyrus; 1988.
7. Soares, CL, *et al.* Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo (SP): Cortez; 1993.
8. Foucault M. A Arqueologia do Saber. 7. ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária; 2008.
9. Medina JPS. O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. 2. ed. Campinas (SP): Papyrus; 1990.
10. Darido SC. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 1998; 20(1): 58-66.
11. Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior: 2011 – resumo técnico [dados na internet]. 2013. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/>. [2017 jan 11].
12. Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior. CAPES. Plataforma Sucupira. Cursos Recomendados e Reconhecidos – Avaliação de Área – Área de Conhecimento – Instituição de Ensino – Educação Física [dados da internet]. 2017. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf;jsessionid=uVUxiXYavqkEs+QnbR4g0g1G.sucupira-215?areaAvaliacao=21&areaConhecimento=40900002>. [2017 ago 10].
13. Silva MC. As representações sociais de corpo a partir dos discursos de mestrandas em Educação Física. [Dissertação de Mestrado]. Maringá (PR): Universidade Estadual de Maringá; 2012.
14. Silveira PS. Formação da consciência e produção da existência: apontamentos teóricos e metodológicos para o estudo da formação dos professores de Educação Física. [Dissertação de Mestrado]. Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina.
15. Daolio J. Educação física brasileira: autores e atores da década de 80. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 1997; 18(3): 182-191.
16. Feron AV, Silva MM. A Igreja do “Diabo” e a produção do conhecimento na Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 2007; 29(1): 107-122.
17. Foucault M. A ordem do discurso. 15. ed. São Paulo (SP): Loyola; 2007.
18. Corrêa AJ, *et al.* O Esporte brasileiro entre dilemas epistemológicos: da acusação à busca por absolvição. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. 2014; 22(3): 118-125.
19. Santos BS. Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade. 13. ed. São Paulo (SP): Cortez; 2010.
20. Pessoa Junior OF. De que maneira pensar o novo? Revista E. 2013. p. 44-45.
21. Foucault M. Microfísica do poder. 28. ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 2014. p. 364.
22. Chignola S. Sobre o dispositivo: Foucault, Agamben, Deleuze. Cadernos IHU ideias. 2003; 1(1): 01-27.
23. Marcello FA. Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. Educar em Revista. 2005; 26(1): 81-98.
24. Deleuze G. Que és un dispositivo? Balibar E, Dreyfus H, Deleuze G, *et al*, organizador(es). Michel Foucault,

133 “*A Educação Física cuida de corpo e mente*”

filósofo. Barcelona: Gedisa; 1999. p.155-163.